

# **PÓS-MODERNIDADE, PARADIGMA EMERGENTE E A RECONSTRUÇÃO DA EXPERIÊNCIA SEGUNDO O PENSAMENTO DE JOHN DEWEY**

Stenio Souza Marques<sup>1</sup>  
Stella Maris Souza Marques<sup>2</sup>

## **RESUMO**

A pós modernidade caracteriza-se por incontáveis transformações em todos os aspectos da sociedade, inclusive nas ciências, no pensamento, no modo de ser e agir do homem. Há o rompimento com os valores e metanarrativas que prevaleceram durante a idade moderna. Neste contexto de crises e grandes modificações, observam-se conexões entre a pós modernidade e o paradigma emergente, haja vista que ambos possuem como essência a ruptura com os modelos predeterminados e anteriormente estabelecidos. Embora as inovações ocorram a todo o momento, característica desta nova sociedade, a instituição da educação tem se mantido, por vezes, alheia às inovações pós modernas e presentes no novo paradigma. Assim, o presente artigo tem por fito relacionar pós modernidade, paradigma emergente e a reconstrução da experiência, questão bastante presente no pensamento do pedagogo norte americano John Dewey.

Palavras-chave: Pós-modernidade, paradigma emergente, experiência.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Educação pela Universidade de Uberaba – UNIUBE. Especialista em Direito Processual Contemporâneo pela UNESP. Advogado.

<sup>2</sup> Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

## INTRODUÇÃO

A pós-modernidade, também denominada de modernidade líquida, rompeu com os padrões da idade moderna, e é caracterizada pelas abundantes transformações nos âmbitos artísticos, filosóficos, científicos, econômicos, políticos, estéticos, éticos e culturais (SANTOS, 1986).

Segundo numerosos filósofos e sociólogos, a pós modernidade começou a manifestar-se mais intensamente na década de 1950. O desenvolvimento da computação, a crítica da cultura ocidental realizada pela filosofia, a explosão da bomba em Hiroxima e Nagasaki, o final da 2ª Guerra Mundial, a queda do Muro de Berlim, a falência da Guerra Fria, a queda do comunismo e do socialismo, o aparecimento de grupos econômicos expansionistas, a fragilização das barreiras geográficas, a globalização, a crise do capitalismo e a crítica consistente aos padrões éticos e estéticos são apenas alguns indícios de que o mundo que moldou/formou as gerações anteriores não é mais o mesmo (GONÇALVES, 2008; SANTOS, 1986).

Nesta linha de raciocínio, a pós-modernidade é marcada por uma crise das utopias, ideologias e projetos, bem como das metanarrativas que dominaram todo o século XX. A sociedade pós moderna baseia-se no individualismo, no niilismo, no vazio, no consumismo e na ausência de valores e de sentido para a vida (SANTOS, 1986).

De igual modo, outros elementos também se destacam: a valorização exacerbada do momento presente, a liquidez nos relacionamentos pessoais e no trabalho, o redimensionamento do desejo, da sexualidade, do hedonismo e a busca pelo prazer imediato, a qualquer custo.

Desta forma, a sociedade pós-moderna tem como eixo central a descrença na racionalidade, a qual era amplamente sustentada na modernidade pelo Iluminismo. A ciência torna-se insuficiente para explicar todos os fenômenos da vida humana e deixa de ser a única forma realmente válida e eficaz de conhecimento e saber, uma vez que as antigas verdades ou metanarrativas são colocadas à prova e dão lugar à dúvida, aos questionamentos, à indagação constante, e, sobretudo, à descontinuidade de ideias, planos e objetivos, ao pluralismo teórico e ético, assim como a proliferação de paradigmas e projetos (AZEVEDO, 1993).

Neste contexto de pós-modernidade, com a crise da ciência moderna e dos modelos/paradigmas tradicionais, distintos autores, tais como Boaventura de Souza

Santos (2008) e Esteves de Vasconcellos (2002) defendem a temática/perspectiva do Paradigma Emergente, cujos princípios elementares são: a complexidade, a intersubjetividade e a imprevisibilidade.

Tal paradigma visa ampliar e legitimar os infinitos saberes, considerando que a vida é uma engrenagem e representando-a tal qual uma teia de aranha composta por sistemas de sistemas (SANTOS, 2008).

O Paradigma Emergente tem por objetivo transformar o conhecimento científico em algo acessível, compreensível a todas as classes, em um instrumento prático, capaz de tornar a vida do ser humano melhor, isto é, ensinar o ser humano a viver e não apenas sobreviver (SANTOS, 2008).

A par de todo o exposto, é possível inferir que pós-modernidade e Paradigma Emergente são temas que dialogam, na medida que revelam e desencadeiam incontáveis modificações, em diversos segmentos da vida, da atividade e do pensamento humano. Entretanto, é preciso salientar que alguns setores não acompanharam as alterações no pensamento, no modo de ser, de agir, de se relacionar, como por exemplo, a instituição da educação, que, por vezes, tem repetido os padrões modernos, mantendo-se, alheia às inovações pós-modernas e presentes no novo paradigma, justificando, deste modo, a relevância desta pesquisa.

Nesta conjuntura, optamos por recuperar o pensamento do pedagogo norte americano John Dewey, o qual, no século XIX, já estava à frente de seu tempo, tendo em vista as suas ideias inovadoras para o campo da educação, em especial a valorização e reconstrução da experiência, ao lecionar que é preciso conciliar a educação formal com a educação prática.

Segundo Dewey, é preciso que os alunos aprendam além dos livros, através da experiência. O conhecimento deve ser algo útil, capaz de transformar a vida dos sujeitos (TEIXEIRA & WESTBROOK, 2010).

Feitas estas considerações iniciais, o artigo em tela objetiva relacionar pós-modernidade e paradigma emergente com a reconstrução da experiência, questão amplamente presente nas obras de John Dewey.

## **I A EXPERIÊNCIA EM JOHN DEWEY**

John Dewey nasceu na cidade de Burlington, nos Estados Unidos, em 1859. Em 1879 graduou-se na Universidade de Vermont e fez doutorado em Filosofia em 1882. É considerado um dos principais representantes do Pragmatismo, doutrina segundo a qual as ideias são instrumentos de ação, e somente fazem sentido quando produzem efeitos práticos e reais (DEWEY apud TEIXEIRA & WESTBROOK, 2010).

Ao longo dos 92 anos de vida, Dewey produziu incontáveis trabalhos acadêmicos. Do ponto de vista epistemológico, tomou como referência o pragmatismo como filosofia de base para o seu pensamento. Já na perspectiva política, foi crítico do liberalismo e do capitalismo (SOUZA & MARTINELLI, 2009).

O pensamento filosófico de Dewey é um dos responsáveis pelo desencadeamento na educação do movimento de renovação das ideias e das práticas pedagógicas amplamente difundido e conhecido como Escola Nova (SOUZA & MARTINELLI, 2009).

Encontrando seu ápice na primeira metade do século XX, o Movimento da Escola Nova foi responsável por uma significativa transformação na chamada educação tradicional, que por sua vez era muito rigorosa, disciplinar e centrada no universo conceitual dos conhecimentos, os quais permaneciam afastados de qualquer finalidade utilitária/prática (SOUZA & MARTINELLI, 2009).

Para o autor, o tipo de educação denominado de “escola clássica/tradicional” demonstrava-se insuficiente frente às inúmeras transformações históricas, sociais e econômicas ocorridas entre nos séculos XIX e XX (SOUZA & MARTINELLI, 2009).

Em concordância com os efeitos práticos e reais, Dewey legitima o valor da experiência e defende a sua reconstrução, posto que vida e aprendizagem são, na realidade, dois fatos supremos do processo educativo, isto é, vive-se aprendendo, e o que se aprende nos ensina a viver melhor. Assim, todo interesse humano pela educação e pela escola é, fundamentalmente, uma questão de tornar a vida melhor, mais rica e mais bela (DEWEY apud TEIXEIRA & WESTBROOK, 2010).

Neste panorama, Dewey argumenta que toda aprendizagem deve ser integrada à vida, isto é, adquirida em uma experiência real de vida. O conhecimento só tem sentido se ele é capaz de dar sentido à vida do sujeito. Por isso, a aprendizagem não pode ser desvinculada da vida e das relações humanas. Neste sentido esclarecem Dewey apud Teixeira & Westbrook (2010, p. 57):

A escola tradicional está organizada para permitir que se pratiquem certas habilidades mecânicas e certas ideias, sem cogitar da prática de outros traços morais e emocionais desejáveis em uma personalidade. Como aprender, de fato, honestidade, bondade, tolerância, no regime de “deveres” marcados para o dia seguinte? Só uma situação real da vida, em que se tenha de exercer determinado traço de caráter, pode levar à sua prática e, portanto, à sua aprendizagem. Daí ser necessário que a escola ofereça um meio social vivo, cujas situações sejam tão reais quanto as de fora da escola.

Nesta perspectiva, Dewey avança e leciona que só se aprende aquilo que se pratica, embora a prática isolada não seja suficiente. É preciso conciliar a teoria à prática, a fim de que resulte em algo efetivamente útil. O aprendizado se dá por meio de associações. A par do exposto, sustentam Dewey apud Teixeira & Westbrook (2010, p. 59):

Enquanto um aluno está aprendendo a lição de Geografia, está simultaneamente ganhando atitudes em relação à matéria, ao mestre, à escola, às coisas da inteligência, de certo modo para a vida toda. A lição de Geografia pode vir a ensinar-lhe a ter prazer em cooperar com os outros, a ter simpatia humana, ou, pelo contrário, pode levar-lhe a um sentimento de desgosto e de irritação contra o mestre, contra a ordem escolar e contra a ordem em geral. Tais atitudes, tais ideias e tais hábitos, que assim se vão formando à margem da atividade, são de importância que é difícil não exagerar. Esta razão junta-se às outras para promover a transformação da ordem tradicional da escola que apenas visa a ensinar fatos, informações e algumas artes. Para atender a todas as aprendizagens que acompanham qualquer atividade educativa, é necessário que as condições da escola sejam idênticas às da própria vida.

No entanto, por vezes, o conhecimento ministrado nas escolas é um saber livresco, duvidoso, isolado da vida, baseado em decorar números, frases e dados, sem que estes estejam diretamente ligados à vida dos indivíduos, sendo possível afirmar que, algumas vezes, as escolas tradicionais têm mais aspectos prejudiciais a vantagens para a educação dos alunos (DEWEY apud TEIXEIRA & WESTBROOK, 2010).

Sabidamente, é preciso encarar a educação como um desafio. Uma meta a ser seguida e alcançada. A educação deve consistir em vida, e não preparação para a vida. É fundamental que as escolas voltem o seu olhar para a vida, para ensinar aos alunos aquilo que lhes auxiliam, para que possam reorganizar as suas próprias vidas, a partir

da experiência, visto que a reconstrução da experiência é o que define a educação. Senão, vejamos o que teorizam Dewey apud Teixeira & Westbrook (2010, p. 61):

Mais uma vez, pois, repetimos que a escola tem de repudiar o antigo sistema, para adotar como unidade do seu programa a “experiência” real em vez da “lição”, se é que deseja satisfazer sua finalidade.

Educação é vida, não preparação para a vida. – Muito antes que houvesse escolas, houve educação. E mesmo havendo escolas, a educação que alguém recebe antes de ir para a escola, a que recebe fora da escola, quando a frequenta e a que recebe depois de deixar a escola, sem dúvida, são bem mais importantes que a que nos fornecem os curtos ou longos anos escolares. Temos, portanto, que nos voltar para a vida para ver como o que aprendemos nos auxilia a refazer e reorganizar a nossa própria vida.

Assim, o conhecimento adquirido pela educação (experiência) deve integrar o cotidiano da vida. É preciso ensinar aos alunos o conhecimento científico, mas também o conhecimento prático. Esta perspectiva foi, sem dúvida alguma, uma grande contribuição para a escola filosófica do Pragmatismo e influenciou pensadores sobre a educação em todo o mundo, inclusive no Brasil, como Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Francisco Campos e Paulo Freire (SOUZA & MARTINELLI, 2009). A respeito do tema, Dewey apud Teixeira & Westbrook (2010, p. 65) complementam:

Para Dewey, o fim da educação não é vida completa, mas vida progressiva, vida em constante ampliação, em constante ascensão. Como cresce, então, a vida?... Cresce à medida que aumentamos o conteúdo de nossa experiência, alargando-lhe o sentido, enriquecendo-a com ideias novas, novas distinções e novas percepções; e à medida que aumentamos o nosso controle dessa experiência. A vida é, pois, tanto melhor quando mais alargamos nossa atividade, pondo em exercício todas as nossas capacidades. Esse ideal é não somente individual, como social: o máximo desenvolvimento de cada um dirigido de modo que se assegure o máximo desenvolvimento de todos.

E concluem evidenciando que uma das características da sociedade contemporânea é a constante mudança, e que uma teoria dinâmica de vida e educação mostra-se adequada para enfrentar os problemas atuais e aos problemas vindouros. Nesta esteira, Dewey apud Teixeira & Westbrook (2010, p. 65-66) evidenciam:

Nesta civilização em perpétua mudança, só uma teoria dinâmica da vida e da educação pode oferecer solução adequada aos problemas

novos que surgem e que surgirão. É tal teoria, adaptada às duas grandes forças que estão moldando o mundo moderno – democracia e ciência – que a filosofia de John Dewey buscou traçar.

Sabidamente, as formações escolares e profissionais necessitam se adequar aos tempos de pós-modernidade e paradigma emergente. A docência e a relação ensino-aprendizagem precisam se reinventar e reconstruir. Neste contexto, talvez seja interessante valorizar e estimular uma nova forma de educação, pautada na experiência, voltada para a utilidade, que ensine aos alunos não somente aspectos teóricos, que seja capaz de ensinar e transmitir valores, que possa oferecer soluções adequadas aos problemas novos e aos que surgirão na vida dos indivíduos.

## **II CONEXÕES ENTRE A PÓS-MODERNIDADE E O PARADIGMA EMERGENTE**

A pós-modernidade baseia-se no individualismo, niilismo, ausência de valores e sentidos de vida, prazeres imediatos, bem como na descrença da razão, indagações constantes acerca de tudo o que está posto, pluralismo ético e teórico, e proliferação de novos projetos e paradigmas (SANTOS, 1986; AZEVEDO, 1993).

Paradigma refere-se ao modelo ou a padrões compartilhados que permitem a explicação de certos aspectos da realidade, sendo mais do que uma teoria e implicando em uma estrutura que gera novas teorias (KUHN, 1994). No século XIX, o modelo utilizado para explicar a realidade era o Paradigma Tradicional, cujos princípios são: objetividade, estabilidade e simplicidade (SANTOS, 2008).

O Paradigma Tradicional defende que os seres são estáveis, simples e determinados. Há, inclusive a possibilidade de separar sujeito-objeto e pesquisador-pesquisado. Tal modelo esclarece que é necessário buscar a neutralidade científica por meio da precisão, da rigorosidade e da fidedignidade (SANTOS, 2008).

No início do século XX, questionamentos a respeito do Paradigma Tradicional da ciência começaram a surgir, no próprio domínio linguístico da ciência, com contribuições dos físicos Max Plank, Einstein, Niels Bohr, Boltzman, Heisenberg. Mais

recentemente, acrescentaram-se as contribuições de outros cientistas, tais como o químico russo Ilya Prigogine, o físico e ciberneticista austríaco Heinz von Foerster, o bio-físico francês Henri Atlan, os biólogos chilenos Humberto Maturana, Francisco Varela (VASCONCELLOS, 2002), entre outros.

Em plena pós-modernidade, vem ganhando destaque um novo modelo com a finalidade de abarcar as descobertas recentes e que se dispõe a explicar outros aspectos da realidade: o Paradigma Emergente.

Este novo modelo, basicamente, altera a primazia da objetividade, estabilidade e simplicidade para a complexidade, intersubjetividade e imprevisibilidade (VASCONCELLOS, 2002).

Nesta nova perspectiva o homem é visto enquanto um ser complexo, intersubjetivo, imprevisível e integral, sendo observado a partir de uma pluralidade metodológica (SANTOS, 2008).

Capra (1996) e Vasconcellos (2002) defendem a ideia de que tudo está conectado, contrapondo-se às separações de fatos e fenômenos, rompendo com o pensamento positivista de René Descartes e Isaac Newton, na medida que buscam modelos alternativos, fomentam múltiplas verdades e proporcionam conexões ecossistêmicas.

Especificamente em relação à totalidade e à integralidade, para o Paradigma Emergente torna-se fundamental considerar o homem e os conhecimentos enquanto possibilidade e universalidade. Isso significa que: “o conhecimento pós-moderno, sendo total, não é determinístico” (CAPRA, 1996, p. 77).

Em referências à imprevisibilidade e à intersubjetividade, o homem e os conhecimentos não são considerados objetivos e previsíveis, mas subjetivos e inesperados, haja vista o fato de serem complexos e dependentes da abordagem metodológica adotada.

Além de tais pilares (intersubjetividade, complexidade e imprevisibilidade), Santos (2008) defende que “todo o conhecimento científico visa constituir-se em senso comum” (p. 88). Tal pensamento opõe-se à ideia predominante na sociedade moderna, na qual o conhecimento estava concentrado nas mãos da elite, sendo marcado por restrições.



Em linhas gerais, o Paradigma Emergente é um modelo ou forma de interpretar o mundo com novos olhares, a partir de uma reconstrução de tudo o que está posto. O homem passa a ser visto como um ser complexo, subjetivo e imprevisível, ao contrário do que pregava o Paradigma Tradicional, que valorizava a objetividade, estabilidade e simplicidade. Desta forma, nota-se uma relação de sintonia entre pós-modernidade e Paradigma Emergente, uma vez que ambos acenam para novas formas de explicar, interpretar o mundo e tudo o que está posto.

Assim, tanto na pós-modernidade quanto no Paradigma Emergente há uma fluidez e uma identificação nos conceitos, nos modos de ser, pensar e explicar a realidade.

Nesta sociedade pós-moderna, dinâmica, repleta de crises, onde os modelos, conceitos e valores são refeitos a cada instante, onde o paradigma emergente está em ascensão, talvez uma educação um pouco mais alicerçada na prática, na experiência e em tudo o que realmente for útil para a vida dos alunos seja um indício de um novo modo de pensar a educação, diferentemente do que tem sido feito, haja vista que, por vezes, as instituições de ensino propagam um conhecimento pronto, estático e livresco, abrindo mão de sua real utilidade para a vida dos alunos.

Assim, a concepção de educação proposta neste artigo refere-se não apenas ao ato de ensinar, mas a uma ação que visa formar o ser humano em sua totalidade, integridade, reconhecendo a sua subjetividade, valorizando a experiência, integrando o meio social aos meios formais de educação.

## **CONCLUSÃO**

Em uma era de constantes desconstruções e reconstruções, na qual a ciência, as metanarrativas, os valores e os pensamentos são plásticos e flexíveis, é preciso experienciar, abrir possibilidades para conhecer o novo em busca de um conhecimento que seja realmente prático e eficaz para transformar a vida dos sujeitos, conforme leciona Dewey.

Neste contexto, o paradigma emergente revela ser de extrema importância, na medida que possibilita a ruptura de antigos padrões, conceitos pré-estabelecidos e verdades absolutas. Tal paradigma proporciona a emancipação novas construções e experiências, demonstrando ser adequado, especialmente em se tratando de uma sociedade pós-moderna, em constante ruptura, crises e transformação, repleta de inovações, onde os valores e pensamentos estão cada vez mais diluídos.

O conhecimento não pode ser compartimentado, individualizado, segmentado. É multidisciplinar, transdisciplinar, e esse é o grande desafio da educação na sociedade pós moderna: estabelecer as bases de uma nova educação. Uma educação que reconheça o valor do aluno e lhe conceda a função de protagonista no ensino. As dificuldades são diversas, obviamente. Todavia, é preciso tentar e acreditar que algo diferente e eficaz possa ser construído. Portanto, a adoção de diversas ideias, a amplitude de pensamentos, de modelos e a valorização da experiência talvez sejam indicativos úteis para formar melhor os alunos do futuro.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, M. de C. *Não moderno, moderno e pós-moderno*. Revista de Educação AEC. Porto Alegre, v. 22, n. 89, p.19-35, out./dez. 1993.

CAPRA, F. *A teia da vida: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.

GONÇALVES, J. E. *A pós-modernidade e os desafios da educação na atualidade*. Disponível em: < <http://revista.fundacaoaprender.org.br/index.php?id=116>>. Acesso em: 02. ago. 2015.

KUHN, T. *As estruturas das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1994.

SANTOS, B. S. *Um Discurso sobre as Ciências*. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

SANTOS, J. F. *O que é pós-moderno*. Ed. Brasiliense: São Paulo, 1986.

SOUZA, R. A; MARTINELI, T. A. P. *Considerações históricas sobre a influência de John Dewey no pensamento pedagógico brasileiro*. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n. 35, p. 160-162, set. 2009.

TEIXEIRA, A.; WESTBROOK, R.B. *John Dewey*. Recife: Coleção Educadores, 2010.

VASCONCELLOS, M. J. E. *Pensamento Sistêmico: uma epistemologia científica para uma ciência novo-paradigmática*. Disponível em: <http://legacy.unifacef.com.br/quartocbs/arquivos/14.pdf>. Acesso em: 08. jan. 2016.